



Participação do GRAP no evento de encerramento do Festival. Foto: Giovanna Piazza.

## O campo ampliado da poesia no Festival de Poesia de Berlim 2008

Renato Rezende

No final de 2007, o dr. Thomas Wohlfahrt, diretor do Literaturwerkstatt de Berlim, uma das mais importantes instituições européias de estudo e difusão da poesia do mundo, responsável, entre outros eventos, pelos anuais Festival de Poesia (em julho) e o Zebra, festival de poesia em vídeo (em outubro), esteve no Brasil. Visitou a exposição Poiesis, Poema entre Pixel e Programa, então em cartaz no Cento Cultural Oi Futuro, Rio de Janeiro, com curadoria de André Vallias, Friedrich W. Block e Adolfo Montejo Navas, onde apresentou os filmes vencedores do Zebra em 2007, conheceu diversos poetas e voltou para a Alemanha com a mala cheia de livros de poesia, especialmente de jovens poetas. O tema central (mas não exclusivo) da nona edição do Festival de Poesia de Berlim, de cinco a 13 de julho de 2008, seria a poesia lusófona (incluindo os cerca de 20 idiomas crioulos de base portuguesa), e o Brasil era escala fundamental.

Há quase uma década o Festival de Poesia de Berlim estabeleceu-se como o maior e mais importante evento do gênero da Europa, ganhando reputação internacional e recebendo, em seus nove dias e nove noites de intensas atividades, audiência superior a 10 mil pessoas. Durante meses uma equipe formada por jovens universitários selecionou poetas de Portugal, Brasil, Angola, Moçambique e outras regiões lusófonas do mundo, no intuito de oferecer um panorama da poesia contemporânea em língua portuguesa e organizou os recitais, oficinas de tradução, *performances* e debates, assim como os intercâmbios literários entre os representantes dos vários países. Se os critérios de seleção dos poetas foram discutíveis (sempre são), cabe ao festival o mérito de almejar promover intercâmbio entre poetas, escritores e tradutores de língua portuguesa buscando fugir das indicações oficiais e do lugar-comum. É notável também que um encontro dessa natureza aconteça em solo alemão. A organização de tais eventos parece não ocorrer, por exemplo, à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – CPLP, organização que tem como missão instigar a aliança entre os países lusófonos, mas cujas discussões parecem estar restritas à polêmica em torno do acordo ortográfico entre seus signatários.

O Festival foi aberto no sábado dia cinco com o evento Weltklang (Som do mundo), em que poetas consagrados de 10 países apresentaram seus poemas no original, sem tradução, ressaltando a plasticidade sonora de cada idioma, de cada poema. Nessa noite, Arnaldo Antunes (que também apresentou *show* com Chico César, um dos pontos altos do Festival) subiu ao palco para ler seus poemas ao lado de Tomaž Šalamun (Eslovênia), Hiromi Ito (Japão), Israel Bar Kohav (Israel), Inger Christensen (Dinamarca) e Manuel Alegre (Portugal), entre outros poetas. A versatilidade do campo de pesquisa do Festival, promovendo uma

visão da poesia em uma espécie de campo ampliado, atento a suas manifestações em zonas de fronteira intersemióticas, que exploram seus aspectos sonoros e visuais e sua relação com outros mediums e suportes, é um dos pontos altos do trabalho do dr. Thomas e sua equipe. O projeto “e.poesie”, por exemplo, explorou a relação entre poesia e música no contexto contemporâneo, colocando para trabalhar juntos (a colaboração se desenvolveu durante meses antes do início do Festival) cinco compositores de música eletrônica e cinco poetas. Assim, por exemplo, o norte-americano Sidney Corbett musicou poemas do alemão Johannes Jansen, e o tcheco Vit Zouhar, do austríaco Peter Waterhouse. O *spoken-word* também esteve presente nas apresentações dos norte-americanos Ursula Rucker (que engajou o público com mensagens feministas de forte conteúdo político e o uso de elementos do *jazz*, *soul* e *triphop*) e Mike Ladd (com elementos do *electro* ao *punk* e ao *pop*).

Durante toda a semana houve apresentações e debates sobre poesia digital, videopoesia e *graffiti*. Na quinta, dia 10, André Vallias (ganhador do Prêmio Sergio Motta de Arte & Tecnologia em 2003 pelo poema interativo “Oratório”) apresentou videopoemas de sua autoria e de Augusto de Campos. No sábado, dia 12, foi a vez do GRAP (grap + graffiti + poesia), um grupo de poetas, grafiteiros, DJs e VJs do Rio de Janeiro, representados no Festival por Claudia Roquette-Pinto, Renato Rezende, Ment, Bragga e Machintal, participar de uma mesa-redonda moderada pela jornalista Julia Reinecke. O Festival foi encerrado no domingo, dia 13, com grande festa pública inspirada no trabalho do GRAP, que o dr. Thomas conheceu no Rio de Janeiro. Quarenta grafiteiros da Alemanha, Espanha e do Brasil fizeram trabalhos baseados em poemas de poetas desses países. Os melhores foram premiados – e, muito embora a maioria tenha simplesmente ilustrado ou, no máximo, procurado uma condição de isomorfia com o texto, houve válida tentativa de ampliar as fronteiras da poesia. A festa terminou com a apresentação do GRAP, um evento multimídia de falas poéticas, música e *graffiti*.

Além desses eventos, vale ressaltar o “Mar de África”, que buscou apresentar as novas vozes da poesia lusófona do continente, e o tradicional Versschumuggel (“Contrabando de Versos”), nos quais poetas do Brasil, Angola, Moçambique e Guiné-Bissau se reuniram com poetas alemães e, por intermédio de um intérprete, trabalharam na tradução de seus poemas. Entre os poetas brasileiros que participaram desse encontro – cujos resultados foram apresentados em sarau durante o Festival e serão publicados em livro no Brasil pela Editora 34 – estão Ricardo Domeneck (residente de Berlim), Paulo Henriques Britto, Angélica Freitas e Marco Lucchesi.

**Renato Rezende** é poeta. Publicou, entre outros, *Passeio* (Record, 2001), com o qual recebeu a Bolsa da Fundação Biblioteca Nacional para obra em formação, *Ímpar* (Lamparina, 2005), ganhador do Prêmio Alphonsus de Guimaraens da Biblioteca Nacional e *Noiva* (Azougue, 2008). / [renato@renato-rezende.com](mailto:renato@renato-rezende.com)